A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

Priscila Mirele Lins Gomes *

Resumo: *Formar leitores sempre foi uma tarefa difícil por estar relacionada a um conjunto de fatores que estão intrinsecamente ligados a este processo. O presente artigo se encarregou de confrontar duas práticas pedagógicas opostas, a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia de Paulo Freire, para que possamos juntos fazer uma reflexão sobre a positiva ou negatividade dessas práticas em relação à formação do leitor. Focados na atuação docente, defendendo sempre uma visão global de leitura, tentou-se refletir e criar alternativas para a condução deste ato.*

Palavras-chave: Leitura; Prática docente; Formação do leitor.

INTRODUÇÃO

O ato de ler, numa visão mais ampla, envolve vários contextos que vão desde os códigos pré-estabelecidos no texto até a compreensão das entrelinhas do que está escrito. E é nesse contexto vasto que as práticas docentes se realizam de maneira favorável ou não à formação do leitor.

Reconhecendo a diversidade da realidade brasileira, o papel de formar leitores clama por uma parceria entre docentes e famílias para a identificação e busca de solução para esses distúrbios. No entanto, num país onde o hábito de leitura encontra-se muitas vezes esquecido ou substituído por meios mais "práticos" (rádio, tv, etc.), cada vez menos a introdução da criança na leitura é dada por meio da família, restando ao professor desencadear todo esse processo numa perspectiva consciente que envolve uma série de estímulos, criação de situações, ambientes propícios para instigar o aluno, e dar limites - compreender que os ritmos podem ser diferenciados e, sendo assim, as formas de mediação também. O paralelo comparativo estabelecido no presente trabalho entre as pedagogias Tradicional e Freireana, quanto à postura docente, percorre alguns pontos reflexivos que buscam propor melhores situações para o desencadeamento deste processo.

A análise referente à postura do docente no processo de formação do leitor foi realizada após a coleta de dados, em forma de pesquisas objetivas, com alunos das redes pública e privada da cidade do Cabo de Santo Agostinho, região metropolitana de Pernambuco. O foco desta pesquisa percorreu na busca de repostas sobre: Que tipo de leitura os alunos andam exercitando dentro e fora da escola? Além das pesquisas nos subsidiamos com referenciais bibliográficos que foram de grande valia para a realização deste trabalho. Realizada as pesquisas, fizemos posterior análise dos dados coletados utilizando tabelas para melhor ilustração dos resultados, e a partir disto procuramos perceber a importância da influência docente neste processo de formação do leitor.

* Pós-graduanda do curso de Formação de Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: prilins@gmail.com - autor.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Ato de Ler

Atualmente, nos países menos desenvolvidos, principalmente em alguns países latino–americanos, a leitura não é mais o principal instrumento de aculturação humana, e enfrenta uma situação crítica: a grande falta de adeptos frente aos meios de comunicação em massa (rádio, cinema, televisão, internet, etc), o que reflete numa crise dentro e fora da escola, uma vez que o êxito da leitura-compreensão de textos condiciona a maior partes das aprendizagens escolares.

De acordo com o Dicionário Aurélio leitura é "ato, arte ou hábito de ler; 2 aquilo que se lê; 3 operação de percorrer, em um meio físico, seqüência de marcas codificadas que representam informações registradas, e convertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento)."

Segundo Kato: "Leitura é de fato um fenômeno muito complexo, que se presta a vários tipos de indagações e abordagens". (1999 p.30) Sendo assim, percebemos que, proporcionalmente, na complexidade desse fenômeno é possível que haja uma certa quantidade de concepções.

Ler é um ato que compreende duas operações fundamentais: a decodificação, que consiste no reconhecimento dos signos gráficos, e a compreensão, a captação do sentido existente nos signos decodificados. Logo, é necessário que além da habilidade de decodificação, o leitor aporte ao texto seus objetivos e suas experiências prévias, resultando assim numa leitura ativa, repleta de significados.

Deveras, a leitura é um fator determinante do êxito ou fracasso escolar, uma vez que todas as matérias estão relacionadas também a esta habilidade, mas, não é só no meio escolar que a leitura tem afixado sua importância; o mercado de trabalho, por exemplo, passou a valorizar muito mais aqueles que desenvolveram habilidades cognitivas e estão aptos a encontrar significados e proceder a relação entre dados e fatos.

Percebendo que não podemos restringir a leitura ao que está escrito, tão logo encontramos nas entrelinhas a liberdade de construção de pensamento e transposição dos conhecimentos adquiridos aos mais variados âmbitos sociais, surge então, o papel mediador que cabe ao professor neste processo.

AS PEDAGOGIAS TRADICIONAL E FREIREANA

Sabe-se que muitas são as pedagogias que influenciam as práticas dos docentes no mundo inteiro, e como resultado muitas vezes temos em uma única rede de ensino representante de vários pensadores. Neste artigo faremos uma breve explanação sobre duas pedagogias opostas, a tradicional e a pedagogia de Paulo Freire, no que tange suas linhas de pensamento e perspectiva sobre a prática docente no processo de Formação do aluno e/ou cidadão leitor.

O papel da pedagogia tradicional parte do seguinte ponto: o repasse de conhecimentos acumulados ao longo dos tempos e sistematizados, ou seja, a reprodução de modelos pré-estabelecidos que remete aos indivíduos pensar e agir de uma forma padrão. Para Durkheim [1]"" a educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta"". (2004, p.28)

Somos fruto de uma história de imposições. Paremos para uma breve reflexão. Como se deu o nosso processo de colonização? Dominação. Qual foi o primeiro modo de ensino, a primeira pedagogia de ensino utilizada na nossa terra? A imposição, o repasse de uma cultura alheia à nossa através da catequese dos jesuítas.

[1] Sociólogo Francês, criador da sociologia da educação.

Vindos de um contexto como esse, não foi muito difícil a solidificação dessa pedagogia em nossa escola, nas que eram chamadas escolas burguesas.A concepção Durkeimiana é conhecida como funcionalista justamente por acreditar que a consciência individual é formada pelo repasse de conteúdos, ou seja, eu sou aquilo que a "sociedade" determina.

> A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios – sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento – que baliza a conduta do indivíduo num grupo. O homem mais do que formador da sociedade, é um produto dela. ((DURKHEIM, 2004, p.28)

A partir dessa teoria percebemos uma visão de que a educação é um bem social, mas há fortemente a exclusão das capacidades individuais, o valor delas na construção do conhecimento. Durkheim, ao contrário de Freire, não desenvolveu nenhum método pedagógico, mas suas idéias contribuíram bastante para a escola tradicional, embora já reconhecesse que o indivíduo só poderá agir na medida em que aprender a conhecer o contexto em que está inserido, visa a escola como única fonte desse saber, ou seja, a escola continua proferindo a verdade absoluta do conhecimento.

Paulo Freire, pernambucano, foi um grande Pensador (Educador) brasileiro de fama internacional alcançada por seus pensamentos pedagógicos políticos.

Por que "pensamentos pedagógicos políticos"?

Porque para Freire o ensino adotado pela maioria das escolas da época era o ensino de repasse, o aluno apenas recebia o que os mestres passavam, ou seja, era completamente passivo perante aos acontecimentos. A esse tipo de prática Freire chamou de Educação Bancária.

Na série Grandes Pensadores da Revista Nova Escola, sobre Freire, ainda se diz que ele foi "o mentor da educação para a consciência" (2004, p.70) Isso porque para ele, a escola deveria esquecer, abolir, esse papel alienante de depositante de conhecimentos e se empenhar na formação de alunos e cidadãos críticos pensantes, capazes de dar grandes contribuições aos meios sociais que convivem, através dessa consciência crítica.

Sobre essa escola alienante (conservadora/tradicional), Freire diz que: ""Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade"" (FREIRE In Revista Nova Escola. Série Especial Grandes Pensadores, 2004, p.70). Enquanto isso, a escola pensada e defendida por ele propõe o oposto, instiga a curiosidade, o espírito de investigador, a criatividade, busca a inquietação.

Freire diz ainda que "os homens se educam entre si mediados pelo mundo" (FREIRE In Revista Nova Escola. Série Especial Grandes Pensadores, 2004, p.71). Mais um vez ele retoma algo que é marco nas suas falas, que nenhum aluno, alfabetizado ou não, chega à escola nulo de conhecimentos, e sim carregados de uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor, uma cultura que é fato e que assim como a do professor será socializada no momento de aprendizado.

Partindo deste entendimento podemos considerar a pedagogia Freireana uma pedagogia de sumo valor de transformação social dentro de uma perspectiva coletiva, considerando a importância da troca de conhecimentos. Trata-se de aprender a ler o mundo a partir da realidade.

REFLETINDO AS PRÁTICAS

Após perceber melhor os princípios norteadores das duas pedagogias elencadas a este trabalho, partiremos agora para um breve confronto de conceitos e práticas para entender melhor o funcionamento de tais pedagogias na atuação docente e ao mesmo tempo o reflexo na formação leitora.

Saindo um pouco de Freire e Durkheim e pegando carona num pensamento do médico e educador belga Ovide Decroly[2], quando diz que "convém que o trabalho das crianças não seja uma simples cópia; é necessário que seja realmente a expressão de seu pensamento" (In Revista Nova Escola, 12/2003,p.33). Percebemos que cada vez mais os efeitos negativos surtidos pela educação tradicional estão despertando pensamentos opositores que, assim como Freire, instigam o amadurecimento de uma criticidade para a transformação.

E como poderíamos tentar definir a atuação de um professor tradicional e de um Freireano num processo de leitura na sala de aula? Tomando propriedade a partir dos estudos bibliográficos realizados para concretização deste trabalho, em poucas palavras definiríamos assim:

- O professor tradicional: Solicita apenas a decodificação do texto, poda qualquer tipo de opinião pessoal e cobra o óbvio do que foi lido (decodificado) como verdade única e absoluta.

- O professor Freireano: Instiga no aluno o desejo, a curiosidade pela leitura, media o contato com o texto orientando o aluno a buscar além do óbvio, o que está nas entrelinhas, permite o aportamento das experiências de mundo e aceita a interpretação crítica dos alunos como uma das várias possíveis, sem precisar excluir outras "verdades" (não absolutas/interpretações).

O DOCENTE FRENTE AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

O contato com a leitura nas séries iniciais é responsável pelo desenvolvimento de algumas habilidades, principalmente no que diz respeito à aprendizagem de fonemas, o que acarreta num melhor domínio dos códigos lingüísticos, causando a superação do "brincar de ler" para galgar um próximo degrau, o compreender o que se ler, ou seja, encher de significação os códigos que antes eram lidos independentemente.

Ressenik (In ALLIENDE, Felipe e CONDEMARÍN, Mabel, 2005, p.73) diz que "de alguma maneira, a aprendizagem do código som-letra impressa é equivalente a montar as peças de um quebra-cabeça".

O que parece difícil inicialmente vai se tornando mais claro quando ficam estabelecidas na cabeça da criança algumas relações, como as de que os sons substituem as letras e as letras substituem o som, e quando há a progressão de um vocabulário visual alcançado pela leitura repetitiva de palavras que permanecem estáveis ao seu alcance. Neste contexto há, sem dúvidas, a privilegiação "sofrida" por aqueles que convivem num ambiente de demonstração leitora. Os pais que realizam repetitivamente a leitura para si e para a criança, por exemplo, a leitura antes de dormir, estimulam a criança a perceber desde cedo que os desenhos (letras,códigos) que estão impressos no livrinho permitem que o pai repita a história, ou seja, o contato visual com o impresso permite estabelecer um significado, ainda que primitivo, para as letras.

Contudo, não vamos nos prender aos processos alfabetizadores e vamos adentrar no percurso leitor uma vez superada a etapa de decodificação.

Nesta nova etapa, mais que nunca, entra a suprema importância do docente durante esse processo de formação. Pois, adotando uma postura progressista e excluindo a prática tradicional, é importante ter em mente que para a aproximação da criança com o texto deve ser levado em conta o que a criança gostaria de ler, ou seja, adaptar o material de acordo com o nível de interesse e desenvolvimento da criança. Tão logo, chegamos à questão: O que oferecer para cada

[2] Ovide Decroly é considerado o criador da sociologia da educação e pontuado como um dos grandes pensadores da educação na virada do século 19 para o 20.

leitor? O que importa é criar hábito ou gosto pela leitura?

Acreditando que o ato de ler é um meio de entender melhor o mundo e se posicionar criticamente diante dele, vamos dividir os leitores em dois grupos: os que lêem o que a escola determina e os que lêem porque sentem necessidade (gostam) de ler. Levantamos então uma outra questão: são muitos os anos que um ser passa numa escola, são muitos os livros solicitados pelos diversos professores, isso não cria nele um hábito de leitura?

Baseando-se na resposta de alunos das redes públicas e privadas de diversas localizações dentro e fora do Estado de Pernambuco numa pesquisa realizada via internet, a quantidade e os autores de livros lidos, na maioria dos casos, estão diretamente atrelados à solicitação feita pelos professores durante o processo de vida escolar.

Partindo do ponto de vista de hábito extraído do dicionário Michaelis, que diz: "Disposição adquirida por atos reiterados", entendemos que há a criação de um hábito, ainda que "forçado", mas não há a continuidade deste após o sujeito concluir seu período escolar. Chamaria então este hábito de provisório e não definitivo. Habituar o aluno a ler torna-se assim insuficiente, o hábito por si só, não chega, e surge daí a necessidade de ajudar o aluno a gostar de ler para tornar-se então não só um aluno leitor, mas um cidadão leitor, crítico e responsável pelas tomadas de decisão.

Para isto, é necessária a capacitação ou conscientização dos nossos docentes para o que já lembrava Freire: o aluno é gente e deve ser visto como tal. Retomando o capítulo I e fazendo mais uma vez alusão à prática que torna o aluno sujeito no processo de construção do saber, é notório que o docente deve trabalhar numa perspectiva mais ampla, reconhecendo os fatores externos levados ao interior da escola para assim refletir no como trabalhar? E que material usar para incentivar, estimular a capacidade criativa, crítica e libertadora do aluno?

A ESCOLHA DO MATERIAL QUE SERÁ LIDO

Como sabemos, o docente deve oferecer ao aluno os mais variados textos para que ele tenha contato e se adapte com formatos, linguagens e discursos de características variadas e deve permitir e incentivar a autonomia do leitor sobre esses textos.

Entramos de início numa questão: Por que na maioria das situações a palavra LEITURA está diretamente e tão somente ligada à leitura dos grandes clássicos da literatura?

Essa indagação surgiu ao nos depararmos com mais um resultado da pesquisa realizada. Quando pedimos às pessoas que citassem o nome de pelo menos três obras lidas no processo escolar, na grande maioria das respostas foram citados três grandes clássicos da literatura universal. Logo, percebemos a preferência do professor de optar por esse tipo de material e partimos daí à nossa reflexão.

Por que em geral os docentes optam em "cobrar" dos alunos "apenas" a leitura dos grandes clássicos da literatura?

Voltemos um pouco a seguinte questão: Qual o objetivo da pedagogia tradicional? Transmitir saberes acumulados ao longo da história e organizados cientificamente.

Refletindo sobre este papel e sobre a prática ainda realizada, infelizmente, por grande parte dos docentes, chegamos ao entendimento de que esta opção está marcada pelo tradicionalismo educacional. Mas ainda vamos mais além, será que está só aí a resposta?

Ora, sabemos que enquanto a metodologia progressista lida com o possível, com a descoberta, com o lúdico, a metodologia tradicional lida com o certo, o óbvio, o árido. Deslocando-se um pouco das práticas para a realidade do professor brasileiro, percebemos um docente que trabalha muitas vezes em tempos extravagantes, sem recurso material, sem apoio pedagógico e desmotivado pelos baixos rendimentos salariais, o que também se remete à falta de leitura pelos fatores tempo, incentivo, etc. Partindo novamente para a prática, começamos a perceber então que os livros cobrados aos alunos hoje (os clássicos), foram também os livros

cobrados a eles ontem, e assim, uma vez que os livros já foram lidos, sentem-se seguros para pedir tais leituras e delas cobrar respostas exatas como que num processo matemático, o que Freire já chamou de Educação Bancária. É importante ressaltar que não estamos desvalorizando a leitura dessas literaturas, pois através delas há a possibilidade de compreender o processo da evolução literária e até mesmo aprender por meio delas muito dos costumes e tradições de épocas passadas, mas estamos tentando defender aqui o direito de contato com a diversidade de texto que os alunos devem ter e por que não o contato com a literatura do século XX? E, assim como nos clássicos, reconhecer contextos de uma época que nesse caso é a sua?

Neste tipo de seleção embasada na "disponibilidade do professor" há apenas a separação de temas através da preocupação errônea da graduação de interesses, fantasias, realidades,etc.

Vale ressaltar também que nesse tipo de leitura, em que o professor disponibiliza apenas uma possibilidade de compreensão como a correta, a dele, amputa do aluno todo e qualquer direito à criticidade, passando-o de protagonista para coadjuvante ou aluno enciclopédia, onde se deposita o que depois vai ser cobrado, sem acréscimos. Sendo assim, sem dúvidas o mais atingido de forma negativa passa a ser o aluno, pois o resultado de uma leitura que não desperta interesse, envolvimento é o enfado.

A IMPORTÂNCIA DO "PARA QUE LER O LIVRO"?

Embora seja entristecedor, não podemos deixar de atentar para a realidade de que a leitura-estudo do texto está cada vez mais afastada do cotidiano de algumas salas-de-aula, aonde vem sendo muito mais praticadas leituras que nomearia de "leituras isoladas"; adiante perceberemos melhor o sentido desta expressão.

Quando se lê um texto de história, por exemplo, sabe-se porque está lendo, geralmente existe um motivo, uma prévia com esclarecimentos acerca da intenção com que o aluno vai ler aquele texto. É importante neste momento frizar a diferença entre conduzir o aluno a localizar-se diante do texto e induzir o aluno à determinada leitura.

Para aqueles que ainda não têm um hábito leitor, se deparar com um texto aparentemente "sem sentido" não desperta muito interesse e antecipa um enfado, daí a importância de que o professor trabalhe com o aluno uma estratégia de leitura, para que ao mesmo tempo em que ele desperte o interesse do aluno fazendo com que o mesmo se entregue "sem compromisso", desperte também a sapiência de que por trás daquele texto existem significados a serem observados e analisados criticamente. Esse movimento, essa interação com o aluno o instiga e cria perspectivas sobre a leitura, sendo também um fator essencial no "ensinar a gostar de ler".

Uma estratégia interessante é combinar com os alunos a buscar na leitura algo além do óbvio, incentivar pela curiosidade, fornecer informações prévias, instigar o olhar crítico sobre o que está escrito.

É relevante mentalizar que o aluno é capaz de desvendar mesmo aquele texto que de início pareceu difícil e cabe ao professor estimular, conduzir dando pistas para que o aluno alcance, mas nunca desvendando para ele, ou seja, assumindo o papel do mesmo.

Assumir o papel do aluno ou levá-lo a buscar o óbvio é condicionar o mesmo a apenas receber o que já foi dito, ou já está explícito, escrito no texto, não contribuindo para o principal papel da leitura que fazemos questão de relembrar que é de ajudar a entender melhor o mundo e se posicionar criticamente diante dele.

A COMPREENSÃO DA LEITURA

"Nenhuma mudança é feita de uma só vez" (MORIN, In Revista Nova Escola,12/2003,p

20). Essa citação de Morin[3] cai muito bem quando necessitamos falar sobre como saber se o aluno entendeu realmente o que leu, no sentido de ter ido além dos códigos. Desde que começamos a falar de leitura neste trabalho, o entendimento é na perspectiva de um processo, e sendo este um processo contínuo é importante que o professor tenha momentos de "avaliação" do desenvolvimento do aluno (leitor). O mais importante é como vai ser construído esse momento, pois, de acordo com a atuação do docente, nesta hora pode haver o estímulo ou a frustração do aluno.

Por várias vezes falamos da liberdade de interpretação que deve ser dada ao aluno, falamos do papel do professor em mediar a que o aluno vá além do óbvio, e não seria coerente agora condizer com as velhas fichas de leitura (o que é o que é?) para uma análise do desenvolvimento do mesmo. É importante então escapar dessas armadilhas avaliativas, que nos levam a pedir apenas que o aluno nos devolva "o que foi lido". Várias são as situações que podem ser criadas para este momento, vejo os debates, as trocas orais de descobertas como a maneira mais fiel para uma interpretação do aprender a compreender.

E se forem verificadas lacunas na compreensão? Uma omissão de informação, alteração de significados de termos, acréscimos descontextualizados?

Cabe ao professor nesse momento ter a consciência de que esse é um processo de amadurecimento, de formação, aonde existirão dificuldades e erros, e deve permanecer na sabedoria de apenas mediar a compreensão do que ainda não foi alcançado.

Sobre o professor cair no erro de pular ou resolver o problema no lugar do aluno, Maria José Nóbrega[4] disse o seguinte: "Fazendo isso, ele constrói uma armadilha, porque só aprofunda as barreiras que o aluno já tem". (In Revista Nova Escola, 04/2005,p25)

CONCLUSÃO

Com o estabelecimento deste paralelo entre pedagogias opostas mas não distantes da real diversidade pedagógica que elenca as salas de aula brasileiras, defendemos a adoção do Método Freireano no trajeto escolar como meio de reformular a postura dos leitores, transformando-os de simples decodificadores a seres críticos, competentes.

Diante das realidades apresentadas, o papel, a postura do docente como mediador, torna-se essencial no desenvolvimento da cultura leitora, abduzindo tais leitores em formação, da realidade de apenas alunos leitores, para a situação de cidadãos leitores globalmente ativos.

É nesse cenário de vôos e limites que a leitura aparece como intrumento de aculturação, formação de pessoas críticas e responsáveis por atitudes transformadoras.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. (1987). **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes/Médicas.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. 27 ed. São Paulo, Cortez. Autores Associados, 1992.

KATO, Mary Aizawa. **O Aprendizado da Leitura**. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

[3] Edgar Morín: Educador francês que elaborou a teoria do pensamento complexo e acredita que instigar a curiosidade da criança é a melhor forma de despertá-la para o saber.
[4] Consultora de Língua Portuguesa, de São Paulo.

NOVA ESCOLA, Revista. A Revista do Professor. Edição especial: Grandes Pensadores. Editora Abril. 2004

NOVA ESCOLA, Revista. A Revista do Professor. Editora Abril. Dezembro/2003